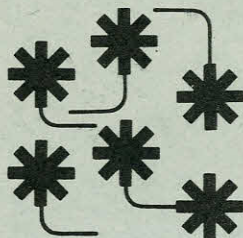


ARTUR MODESTO

páginas  
do meu **CADERNO**

— poesia —



EDITORA SEMENTEIRA

1978



Não têm estas simples rimas ou palavras sem nexos aquele sabor poético que tanto desejava, essa beleza tão grande que faz do poeta o maior dos artistas. Não são também aquela roseira florida onde tudo são pétalas exalando perfumes. São, isso sim, as minhas rimas em bruto ou palavras sem nexos, o pranto, a dor que me acompanha desde menino e moço; elas são a angústia, o desespero de quem vive à margem das leis humanas, amordaçado e sem direitos.

São ainda estas linhas, rudemente escritas, o desabafo dum coração que sofre ante a maldade do homem, esse bruto que passa pela terra, manchando-a de sangue numa onda vertiginosa de loucura, roubando ao seu semelhante a alegria de viver.

Quanto eu quizeria possuir recursos que me permitissem transportar ao papel um pouco de tudo que me vai na alma, sem atropelos a métricas, sem mutilar gramáticas! Mas o mundo torcido em que nasci, fechando-me as portas das escolas, amarrando-me a uma tripeça quando ainda cheirava a fraldas fazendo-me trabalhar dia e noite, negando-me assim o que há de mais belo na existência humana, a cultura.

Quando penso nesta gruta negra onde sou forçado a viver, maior é a repulsa que sinto por este mundo, que só a maldade humana soube construir. Mas porque não possuo aqueles recursos que tanto desejava, não poderei maldizer a condição de escravo que me foi imposta por uma casta que não tem razão de existir?

Como célula desse braço gigantesco criador de toda a riqueza social, não poderei rebelar-me contra um mundo que tão mal me trata, usando para isso dos poucos recursos de que sou possuidor?

Oh praxes metrico-gramaticais! para que vindes martirizar-me mais o pensamento amordaçando-me também?

Porque não poderei eu transportar ao papel os meus queixumes de pária sem sorte? Não, não posso, não quero obedecer-vos! Obedeço, sim, mas ao meu espírito ofendido, embora mal cultivado. Direi quanto sinto sem me preocupar a vossa boa ou má colaboração.

Fa-lo-ei de cabeça erguida, com a consciência de quanto valho e sem receio dos risos sarcásticos de alguém que possa ler estas simples linhas, pois elas são apenas o reflexo das torturas de quem vive uma condição desumanamente inferior. E para maiores tormentos da sua alma, sabe muito bem onde estão a origem e o remédio de todos os seus males.



A  
Companheirismo  
do João Freire

Gracia; o ideal que  
abracas - he é de todos o  
o mais belo?

Um pingo de suor  
Tem mais valor que todos  
os velhos do mundo  
que demandaram as brumas  
o escuras com a missão de  
fornecer o Rei paterno de aquilão,  
manebam de sangue o solo de essas  
gentes de outras mundos de canha?

Um abraço do companheiro  
A partir do dia 10

1934

Secaram as fontes  
A flora está nua  
Há crimes aos montes  
Há sangue na rua  
Não há luz na terra  
É negro o luar  
O monstro em guerra  
Sempre a devorar  
Há pelos caminhos  
Gemidos e ais  
São os pequeninos  
Que choram seus pais  
Há aves sem ninho  
Há lares sem pão  
P'lo negro caminho  
Somente o vilão  
Dentolas cerradas  
Olhar esfamado  
As suas patadas  
É tudo esmagado  
Esmaga pensamento  
Direitos humanos  
De sangue sedento  
É lei dos tiranos!!!  
Oh chacal imundo  
Oh monstro sem alma  
Nos crimes do mundo  
Tu levas a palma.

Alguers

Fevereiro 1934

## GEMIDOS SECULARES

Arrastando pesada cruz  
Eu caminho há tantos anos  
Sob a verdasca dos tiranos  
Como a lenda de Jesus.  
A minha voz é abafada  
Pela fúria do vilão  
E a luz forte da Razão  
Nas bastilhas torturada.  
Velhos costumes, duras leis  
São os códigos infernais  
Impostos pelos brutais  
Dos dinheiros, Cristos e Reis.  
De gerações e gerações  
O mal em loucas cavalgadas  
Impõe a cruz esgrimindo a espada  
Brazão de civilizações  
De cadáveres cimentadas.  
Nada possuo, nada mereço  
Dos reis da mina, da fornalha  
Sim; um só prêmio: a metralha  
Pelos faustos que ofereço.  
De pensamento atrofiado  
Pela penumbra, vou andando  
Milhentos cardos vou pisando  
Eternamente condenado.

NB

Conquistados além na França  
Que fizeram dos meus direitos  
Por que deram sangue mil peitos  
Na hora da boa esperança?  
São nas furnas dos Vaticanos  
Nos salões alcatifados  
Meus direitos espezinhadados  
Pelas patas de desumanos  
Padres, Barões e Marechais  
A triologia infernal  
Símbolos de todo o mal  
Desses poderes ancestrais!

Óh, que brutais são meus tormentos!  
Tento libertar-me, não posso!  
Falta-me luz, pesa-me o dorso,  
Sinto presos os movimentos.

Basta de tanta escravidão!  
Dá-me o calor da Nova Aurora  
Óh Luz do Porvir que demoras  
A hora da libertação!

Ausente 1935

